

O DISCURSO POÉTICO DE NAURO MACHADO E O OLHAR SOBRE A CIDADE: UMA LEITURA DA POESIA DE PROTESTO SOCIAL

Maria Vandeanne Silva Brito (IC)¹¹ - autora

Orientador: Profº Drº Valderi Ximenes de Meneses¹² - co-autor

RESUMO

O discurso sobre a cidade flui na poesia de Nauro, quando pretende recriar uma cidade a seus moldes, uma São Luís fantasmagórica, que o povo não quer enxergar, somente, o poeta sabe o lugar a que pertence, mas não quer pertencer a esse lugar. São Luís tem a tradição de ser uma cidade em que a poesia brota sem parar, no entanto, que São Luís é essa que ninguém quer enxergar? Daí surge o poeta, trazendo a cidade como ato fundador de uma determinada comunidade histórica, que opera por realizar a linha temática que reforça o projeto de criação poética. O processo de poetização seria o elemento que atenderia à necessidade camuflada ou degradada do homem moderno de viver em seu próprio espaço, de cosmicizar o lugar em que deve habitar. Nauro trabalha a poesia chamada de protesto social, ao apresentar contornos universais que tematizam a vida, a morte, o tempo e a miséria do ser, numa espécie de angústia, devido à sua preocupação com a decadência e o abandono do homem. Sua poesia é o reflexo de um processo de criação mental, que o atormenta de forma demasiada, e que, através do verso, encontra caminhos para a construção de suas imagens poéticas, denunciando de forma universal os processos históricos que envolvem os destinos de uma sociedade que castra o homem, em seu estado de precariedade social.

PALAVRAS-CHAVES: Poesia, protesto social, cidade.

INTRODUÇÃO

O discurso sobre a cidade flui na poesia de Nauro quando pretende recriar uma cidade a seus moldes. Uma São Luís fantasmagórica que o povo não quer enxergar, somente, o poeta sabe o lugar a que pertence, mas não quer pertencer a esse lugar. São Luís tem a tradição de ser uma cidade em que a poesia brota sem parar. No entanto que São Luís é essa que ninguém quer enxergar.

¹¹ Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) – Departamento de Letras.

¹² Professor Adjunto da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (Campos Bacabal), com Doutorado em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Dáí surge o poeta, trazendo a cidade como ato fundador de uma determinada comunidade histórica que opera por realizar a linha temática que reforça o projeto de criação poética. O processo de poetização seria o elemento que atenderia à necessidade camuflada ou degradada do homem moderno de viver em seu próprio espaço, de cosmicizar o lugar em que deve habitar.

Nauro trabalha a poesia chamada de protesto social ao apresentar contornos universais que tematizam a vida, a morte, o tempo e a miséria do ser, numa espécie de angústia devido à sua preocupação com a decadência e o abandono do homem.

Sua poesia é o reflexo de um processo de criação mental, que o atormenta de forma demasiada, e que, através do verso, encontra caminhos para a construção de suas imagens poéticas, denunciando de forma universal os processos históricos que envolvem os destinos de uma determinada sociedade que castra o homem, lamentando seu estado de precariedade social.

Portanto, é de se observar que a poesia vista como de protesto social trabalhada por Nauro Machado, não trata de um mero confessionalismo puro ou desabafo vulgar ou ainda um sentimentalismo medíocre. Sua poesia é o reflexo da similaridade de identificação do plano real passado ao campo textual.

Nauro Machado tem uma criação poética que se destaca o embate social como elemento reflexivo de seu espírito combativo. Não deixa de lado a arte da palavra escrita, pois, através dela não fica alheio às mazelas do seu meio social. Chega a afirmar que a essência da poesia é produzir emoção. Sartre dizia: *“que o poeta e o filósofo são os mais bem equipados, para entenderem o sentido das coisas. Eles podem entender o sentido da polis de seu tempo de uma maneira (re)velante.”*(SARTRE,1987:124). E esse discurso só se torna possível, através do verbo poético. A importância de um poeta no mundo vai além da construção de objetos materiais porque usa a palavra para chegar ao outro, mesmo que esteja no centro, ele a usa não para se exaltar, mas para se exprimir e se interrogar sobre o mundo e as coisas. O poeta faz o verso e vê o re(verso) e esse chega até os leitores.

O discurso poético de Nauro Machado é o reflexo da similaridade de identificação do plano real, passado ao campo textual. Provinciano que é sempre procurou ser fiel às suas

origens. Sua matéria poética se apresenta centralizada sobre a população de São Luís, fazendo dessa matéria instrumento de investigação do Ser no mundo.

Ao longo de sua trajetória observa-se uma fidelidade tamanha com sua poesia que chega a comprometer sua própria vida. Esse comprometimento leva Nauro a buscar no seu mais profundo estágio elementos que substanciem referências para os questionamentos que levem o leitor a descobrir as mais profundas camadas de sua visão poética.

Sabe-se de sua verdadeira inspiração poética onde se misturam: tradição e ruptura, junto ao seu talento e inspiração. Apresenta ainda a principal característica de um grande poeta, “O desafio constante de se tornar cada vez mais poeta”.

Tendo por base essa incompletude de Nauro é que nos propomos a fazer uma pesquisa que traz à tona o embate entre o ser Nauro Machado e o poeta Nauro Machado na sua busca constante de representação do ser em seu meio social em que procura enfatizar, através dos poemas, o estado de mazela e precariedade em vive uma boa parte da população de São Luís, principalmente, quando tematiza a Praia Grande e os palafitados em estado agônico.

CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Ler a poesia de Nauro Machado é perceber uma preocupação constante em desvendar o mistério da linguagem literária. Sua preocupação sobre as conceituações acerca de poesia, poema, ritmo e leitura e entender de que forma a poesia autoreflexiva orienta seu ofício em sua obra é que faz com que o poeta maranhense seja citado como referência da produção metapoética ao lado de grandes nomes da poesia nacional. Embora apresente um autodidatismo é firmado em grandes leituras de autores e obras que remontam a poesia, desde a Antiguidade até nossos dias. Conforme expressa o crítico piauiense Assis Brasil, quando diz:

“A linha poética de Nauro Machado é sem dúvida universal, não aquela relacionada com os herméticos e semi-herméticos Verlaine, Rimbaud, Mallarmé, mas com os escatológicos, os apocalípticos e proféticos Blake, Keats, Dickinson. É uma herança forte, que ainda o remete aos “poetas malditos”, para ficarmos no Brasil, Gregório de Matos, Augusto dos Anjos e o maranhense Sousândrade. Como disse acertadamente Franklin de oliveira, “entre Nauro e o autor de *Guesa* há fortes pontos de contato, indicativos da família espiritual à qual pertencem”. A poesia de

Nauro reflete, em síntese, todo esse questionamento existencial. Para livrar-se da angústia, talvez a perspectiva da existência da poesia seja mais importante e confortadora do que a própria existência de Deus.” (BRASIL; 1998:348).

Nas palavras de Assis Brasil percebe-se sua visão sobre o comportamento de Nauro Machado ao questionar a essência e a destinação do ser humano sem deixar, por outro lado, de cultivar uma linguagem poética original em que se preocupava com o lado existencial do ser.

A cidade é tema constante nos versos de Nauro. Seu discurso não remete somente àquele tom melancólico daqueles que veem as mazelas como forma de introduzir lamentos. É um discurso construído sob uma perspectiva de envolver o leitor, numa celebração entre todas as partes que compõem a sua sociedade desde os desprezados até o pequeno-burguês.

Serão objeto de reflexão as imagens que surgem das vivências diretas do poeta ao habitar o espaço urbano de São Luís. O questionamento sobre esse espaço será feito a partir da análise da palavra e da imagem poética que revelará as modificações e experiências do ser ludovicense.

Conforme disse George Steiner: “*O poeta cria a perigosa semelhança dos deuses. Seu canto constrói cidades; suas palavras tem aquele poder que, acima de todos, os deuses negariam ao homem, o poder de conferir vida duradoura.* (STEINER,1988:56). Em outras palavras trata-se de elaborar uma representação reflexiva sobre a participação da poesia e seu enfoque no que toca ao processo de criação artística do poeta.

A doação do poeta se mostra consciente da sua entrega ao trabalho de ser poeta. Nauro trava muitas lutas consigo mesmo. Recusa as comodidades, para empreender uma reflexão reveladora da existência do ser.

E assim o poeta escreve o verso com seu impressionante fôlego, lamentando o desdém de seus conterrâneos que não o reconhecem devidamente como um dos valores de suas letras e o colocam em uma redoma de anormalidade e frequente desinteresse pela sua obra, por considerá-la hermética e estranha demais.

O homem não quer só viver, quer o bem viver. A obra de arte faz parte do seu bem estar. Ao criar a obra de arte, o homem quer de alguma forma objetivar-se. A obra exterioriza o que o artista pensa, por isso, ela deve ser julgada pelo espírito e não pelo sensível. Não é o espírito subjetivo, mas é o espírito que se objetiva na obra. “*A arte cultiva o humano no homem, desperta sentimentos, põe-nos em presença dos verdadeiros interesses do espírito.*” (HEGEL 1997:55).

A poética de Nauro Machado traz a cidade como ato fundador de uma determinada comunidade histórica, que opera por realizar as linhas de força do projeto de criação poética. Tem o processo de poetização como elemento que atenderia à necessidade camuflada ou degradada do homem moderno de viver em seu próprio espaço de cosmicizar o lugar em que deve habitar.

METODOLOGIA

A pesquisa será realizada com base em fontes bibliográficas (livros, teses, artigos, entrevistas e publicações diversas) que servirão como pressupostos teóricos que embasarão o Projeto de Pesquisa. No decorrer da Pesquisa serão trabalhados vários livros de poemas de Nauro Machado desde o primeiro, *Campo sem Base*, 1958, de onde se extrai sua força de criação poética numa tonalidade dúbia inerente ao seu propósito de ser poeta, quando escreveu o poema *Parto*, ponto de partida de toda sua peregrinação com a palavra poética na busca de sua completude.

Dessa forma esperamos trazer à tona uma poesia que brota da ilha ludovicense, trazendo nas suas entranhas os problemas existentes como forma de socializá-la no meio cultural, onde será divulgado sua natureza de protesto social, através de análises poéticas dos textos catalogados no decorrer da revisão da literatura.

ANÁLISE DA POESIA DE PROTESTO SOCIAL

A poética de Nauro Machado traz a cidade como ato fundador de uma determinada comunidade histórica que opera por realizar as linhas de forças do projeto de criação poética, tendo esse processo de poetização como elemento que atenderia à necessidade camuflada ou degradada do homem moderno de viver em seu próprio espaço de cosmicizar o lugar em que deve habitar. Creio estarmos presenciando uma poetização da civilização moderna e de uma adesão profunda da sensibilidade à cidade moderna que nasce no mesmo instante ao seu espaço atual:

O Poeta dos Afogados e dos Prazeres

A grande miséria é quando ele enfim se afasta
Para ser esquecido, vilmente esquecido
Como um desajustado ou inútil bibelô.

E ser, sem feira de amostras, o urso polar
Ou esse elefante público para alegria
Da indiferença adulta, onde ele seja o bobo.

O curto poema do livro *Lamparina da Aurora*, 1992, todo dedicado à cidade de São Luís mostra a forma como Nauro se utiliza da economia verbal para expressar seu sentimento, revisando os encantos mais típicos da cidade com um olhar sobre seus lugares mais místicos, mais assombrados, mais antigos como a “rua dos Afogados” e a “rua dos Prazeres”. Ambas situadas no centro histórico da cidade e que representam toda a andança do peregrino que cumpre um itinerário que se assemelha ao flâneur baudelairiano em espaço ludovicense observando como se cada lugar fosse um poema vivo que falasse através de seus versos.

Emerge dos versos a imagem de uma paisagem estática coroada por um ambiente que faz com que o eu-lírico se manifeste em tom de lamentação pelas indiferenças que é tratado, denunciando que seu verbo não encontra adeptos para promover uma reflexão sobre a cidade a qual pretende construir um espaço, para interagir com sua poesia. Este sentimento de desprezo é constatado, quando o poeta denuncia no poema através do verso “*como um desajustado ou inútil bibelô*”, que sua poesia não consegue penetrar nos leitores e por isso não frutifica no meio social, se tornando inacessível sua divulgação perante a sociedade.

Cabe destacar que a rua ocupa na obra de Nauro Machado um lugar importante por que nela o poeta materializa as imagens que constituem sua identidade. Observa-se nos versos de Nauro Machado dois mundos: um primeiro construído pela palavra poética configurada pelos signos sensíveis. E o segundo, configurado pelas imagens materializadas do espaço urbano de São Luís, se caracterizando como espaços reveladores do amor que o poeta tem por sua Ilha eletiva de tanta estimação, de sonho, de lembrança, de dor, de ódio, mas nunca desiste de percorrer seus becos e ruas em busca da construção de um espaço que nunca dá por terminado.

Assim o poeta se manifestou no discurso de lançamento do livro *Travessia do Ródano*, 1997, quando relacionou a temática de sua poesia com a cidade de São Luís:

“Sei que a honesta persistência no meu ofício poético não me assegura o valor da obra executada. Ela propicia tão somente, o que é muito, um trabalho a justificar a

duração, talvez demasiada, de uma existência cumprida na passiva aceitação dos acontecimentos ou na revolta carnal e metafísica contra as circunstâncias empobrecedoras do destino humano. Um valor, no entanto, nem os mais ferrenhos inimigos poderão negar-me: o de haver sido, durante mais de quarenta anos, fiel a esta vocação cumprida entre estrofes e palavras. E cumprida integralmente, orgulho-me dizê-lo, em São Luís do Maranhão, terra na qual nasci e onde espero morrer”. (SUPLEMENTO LITERÁRIO, São Luís, 1982: 12).

A São Luís de Nauro Machado é na verdade uma cidade construída sob o prisma de uma arte vista com desconfiança em que se mostra ignorada por uma camada que prefere ficar alheia a tudo e a todos em prol da curtição dos prazeres medianos que sustentam a própria fruição sem sentido da existência humana. O poeta registra em palavras essa desconfiança do processo de classicização da cidade quando se põe em frente aos acontecimentos históricos de seu tempo.

Mas o que se tem chamado atenção na construção da poética naurina sobre a cidade é o fato de o poeta permanecer num rito de fundação que se realiza a partir de um foco mítico que inicialmente nunca se contentou com as facilidades da cidade. É construído a partir de um centro que embora trate da repetição degradada da cosmogonia, são muitos a serem explorados: desde os becos e ruas do centro histórico de São Luís aos edifícios que funcionam como repartições oficiais da máquina administrativa da velha Ilha lusitana, onde o poeta para e medita, conforme expressa nos versos de *Anel cartoriável*, destacado do poema (*Cartório Tito Soares*):

Por brincadeira perdi vida,
(Dizem, depois, que os fados não existem.)
E graças ela só. A essa brincadeira
Havida alhures por Deus qualquer,
Vou comendo o pão que o diabo amassou.
Minha alegria, se a tenho, dura pouco.
Meu poema, se o escrevo, seca logo
Sua maré de espasmo e de agonias.
Até o dinheiro, alheio, é alheia boca
Amaldiçoando minha alma vazia.

(e minha alma, no entanto, é igual ao mundo.)

Agora é esperar, lúcido, a lua e o sol

Abandonados nesse céu nenhum.

Nauro Machado compôs o poema com o intuito de expressar sua angústia com a forma como vem sendo tratado pela sua própria cidade. Procura mostrar que nela sua poesia não é bem recepcionada ou entendida conforme relata no verso: *“vou comendo o pão que o diabo amassou”*, vindo a denunciar que vive numa sociedade em que seus poemas se perdem sem valor, *“Meu poema, se o escrevo, seca logo”*, chegando a ser menos valorizados que os papéis que dão ao homem a sua feição diante da Lei. Daí dizer nesse estado de agonia: *“minha alegria, se a tenho dura pouco”*. Vejamos que a condição existencial do poeta está expressa na condicionante *“se”* que se apresenta nos dois versos que integram a cadeia lógica de sua hipotética criação artística, onde escolhe cada recanto da cidade para ser fonte de sua inspiração poética.

O poema faz uma patente crítica à vida que assume o homem citadino, assim como a presença da paisagem provinciana na urbe ludovicense. Sabendo que a cidade é cheia de mistérios e que o poeta se aventura desprovido de qualquer proteção para enfrentar as adversidades com seu único instrumento de defesa, as palavras. No entanto, quando consegue soltá-las, como o próprio expressa, não conseguem durar. Secam logo. É valendo-se delas, mesmo com pouca duração, é que o poeta escreve com seu olhar crítico o discurso poético que trata da vida urbana de São Luís, retratando uma aproximação à realidade citadina do século XX.

Nas suas andanças pelos recantos da cidade de São Luís o poeta escolheu para ser representado no poema um dos mais antigos e conhecidos estabelecimentos de São Luís, o Cartório Tito Soares, o qual em seus registros consta o nascimento dos mais ilustres cidadãos ludovicenses. Daí sua importância diante da história de São Luís e diante da Lei. Assim é que Nauro referencia o desprezo pelos seus poemas, onde até mesmo os documentos cartoriais são elementos mais valorativos que seus poemas.

CONCLUSÃO

Observa-se nos poemas de Nauro um sujeito lírico sufocado por comportamentos vazios que não fazem parte do seu universo: tipos humanos que o aprisionam e uma aglomeração de elementos e situações que o sufocam. O poeta associa a massa humana a um bosque urbano onde a cidade está alimentada pela proliferação de situações diversas, testemunhando as adversidades presentes no contexto social de sua população. O bosque urbano é composto “*de chicletes e chacletes e de fome*”, uma representação metonímica do homem moderno que se encontra fragmentado, cuja cena bem poderia compor uma tela cubista. Além de remeter ao cubismo, a imagem que emerge dos versos faz lembrar a célebre frase de Marx popularizada por Marshall Berman, “*Tudo que é sólido desmancha no ar*” – frase que sintetiza o conceito de modernidade como o “turbilhão” que engole o homem, mantendo-o num permanente estado de desintegração.

Dentro do contexto podemos fazer uma relação, quando se trata da cidade como tema da criação poética, com poetas que também tematizaram a cidade como elemento mapeado por indícios de contradição e desintegração existencial. Conforme podemos citar Theodor Fontaine e a Berlim, Charles Baudelaire e Victor Hugo e a Paris e, ainda a executiva São Paulo de Mário de Andrade e a Londres de Edgar Allan Poe, em que todas são cidades míticas fundadas na e pela palavra.

REFERÊNCIAS

1. BRASIL, Assis. **A poesia maranhense do século XX**. Rio de Janeiro: IMAGO; São Luís: SIOGE, 1994. p. 348.
2. _____ . **Antologia poética de Nauro Machado**. Imago Editora, 1998. p.168.
3. COELHO, Nelly Novaes. **A poesia de Nauro Machado em face da crise espiritual de nosso tempo**. São Paulo: Edições Quíron, INL-MEC, 1980. p.37.
4. HEGEL. **Estética: a ideia e o ideal**. Lisboa. Guimarães Editora, 1997. p. 55.
5. LOBATO, Maria de Nazaré Cassas Lima. **A revelação de Nauro Machado**. Série de Letras da UFMA, 1977.p. 27.
6. LUCAS, Fábio. **Do eterno indeferido**. Revista Colóquio e Letras, Lisboa, 1971. p.36.
7. MACHADO, Nauro. **Antologia poética**. José Olympo, 1980. p. 57.

8. MACHADO, Nauro. **A Lamparina da Aurora**. Brasília, Gráfica do Distrito Federal, 1992.p. 18.
9. MARTINS, Ricardo André Ferreira. “**Ser, Angústia e Poesia: uma leitura heideggeriana de Nauro Machado**”. Revista Signótica: UFG, v.24, n.1, 2012.
10. SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1987. p.124.
11. STEINER, George. **Linguagem e Silêncio: ensaios sobre a crise da palavra**. Gilda Stuart e Felipe Roiabally. São Paulo, Companhia das Letras: 1988. p. 56.
12. SUPLEMENTO literário e Cultural. São Luís, 1982. p.12.